

Lutar com as palavras

Resistência cultural nas obras de José João Craveirinha

Débora Alfaia da Cunha¹
Genilton de Campos Barbosa²

Resumo: O intuito do pôster é apresentar elementos da produção literária de José João Craveirinha, poeta moçambicano. Busca-se com a atividade contribuir para a implantação da Lei 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana no currículo escolar. As obras do escritor são mundialmente reconhecidas pela valorização da cultura africana e pela construção de estilo literário profícuo, que resultou em uma herança literária que impactou diversos poetas africanos. Sua obra auxiliou na consolidação de características típicas para a literatura africana, entre elas a utilização de termos oriundos da linguagem popular e das línguas tribais, em uma produção que mescla a língua dos colonizadores com a africana. A obra de Craveirinha é reconhecida por seu grande valor político, cultural e religioso. Seus poemas denunciam a opressão que os colonizadores implantarão seus hábitos, bem como a resistência a essa opressão e a luta pela independência de Moçambique. Evidenciam ainda o espírito da cultura negra moçambicana, que apesar das lutas, não perderam a esperança, a alegria e a fé. O espírito festivo e sensual permanece como traço da poesia de Craveirinha, como um canto de insistência. Metodologicamente o pôster se divide em três facetas: apresentação da biografia do poeta; análise de poesias, e por fim, ratificar sua importância literal e comentar as riquezas culturais. Importa destacar que o pôster é resultado do projeto Ludicidade Africana e Afro-brasileira (LAAB) do Campus de Castanhal/UFPA, voltado à proposição de metodologias para a valorização do patrimônio negro na escola.

Palavras-chave: Craveirinha. Independência. África.

1. UM BREVE HISTÓRICO DO PRECONCEITO

Dissertar a questão do preconceito racial no Brasil é fazer uma viagem às origens de nossa exploração pelos europeus,

¹ UFPA/Castanhal-PA. E-mail: alfaiadacunha@gmail.com/dalfaia@ufpa.br

² Graduando do Curso de Letras da UFPA/Campus de Castanhal-PA. E-mail: nillton199@gmail.com

considerar fatos que impulsionaram à questão do preconceito a cor de pele, fatos tais quais foram defendidos pela religião católica que se embasava em um escrito de milênios passados, onde interpretavam que a cor “escura” era a marca divina de um castigo que podia identificar os errôneos seres, tornando assim o negro um ser inferior segundo tal visão preconceituosa e equivocada vista do ponto de vista racional. Entretanto, é importante que sejam ressaltadas informações tanto sobre a situação do negro no Brasil como em seu país de origem, haja vista que ainda existem algumas pessoas que desconhecem a existência da escravidão como ação normal no continente africano de séculos atrás, percebendo assim que os europeus só causaram uma dilatação do comércio de vidas humanas como meio de aquisição de capital.

Pode-se chegar a uma conclusão de que a expansão do mercado de escravo fez com que houvesse uma disseminação da cultura africana pelo globo terrestre, evidenciando que, o presente escrito não vem ousar uma defesa dos europeus que tinham seus objetivos financeiros acima da sensibilidade humana com os escravizados, mas é importante que a grande parcela de informações sobre a história dos escravos seja posta em evidência para que possa o leitor do presente texto, expandir seu leque de saberes sobre o racismo e sua história.

É necessário, expor a questão de que independente da disseminação dos povos africanos por todos os continentes, os mesmos não podiam exercer suas crenças, costumes, ou atitudes que os caracterizavam em seu país tribo ou vilarejo, uma vez que os negros que eram “repatriados” após penosas viagens pelo mar, chegavam jamais visto com costumes totalmente diferentes.

1.1 TRAVESSIA DO ATLÂNTICO

Durante a viagem em navios superlotados, eram comuns nos tumbeiros, estupros, agressões físicas e verbais, criando assim dificuldades que ultrapassavam barreiras físicas, e conflitavam já com o psicológico dos africanos tornando com isso um ambiente de tormento constante para os negros.

Nessa odisseia de opressão não era raro o ato de suicídio, que eram usados como forma de combate contra tamanha opressão vivida dentro dos navios negreiros ou tumbeiros, ou fatos trágicos como naufrágio de tumbeiros que trazia os escravos, acarretando assim a morte de centenas de seres humanos, entendendo que os traficados vinham acorrentados uns aos outros, tornando assim quase impossível a chance de sobrevivência.

Após inúmeras infelicidades de terror em meio ao atlântico, aportavam em “seus novos lares”, entretanto consciente de que suas raízes serão tidas como heresias, desrespeitando aos seus senhores, sendo assim necessária a criação de disfarces para exercer seus costumes sem chamar atenção, como foi o caso da roda de capoeira que era usada como dança, para praticarem um esporte de defesa.

Com o passar dos séculos batalhas foram travadas nos diversos campos, para que existisse um respeito pelo negro, e entre revoltas e quilombos, (e porque não dizer, revolução industrial), foi conquistada a peso de muita luta a abolição da escravidão em 1888, no entanto, não seria fácil apagar da memória do povo a discriminação que o negro sofreu por séculos.

2. POLÍTICAS DE INCLUSÃO

Contudo na luta contra o preconceito racial criou-se através da lei 10.639/03, que é o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, uma obrigatoriedade da transmissão da rica cultura africana que se faz presente em nosso país desde os primeiros séculos de exploração, da construção social, possibilitando assim um segurança para ensinar e comentar a cultura que faz parte do Brasil.

Portanto, é necessário frisar que o preconceito ainda persiste entre a sociedade, mas, com o amparo da lei e de um pouco de bom senso é possível chegar-se a uma sociedade que não considere importante a cor da pele ou qualquer outra diferença, uma ameaça a si própria, mais, que seja o diferente como normal, entendendo assim que em um viver de paz, não

a lugar para pseudoneutralidade, é importante que se tome partido do lado da igualdade e defender as diferenças.

Criar uma ideologia de valorização da cultura no Brasil não é uma tarefa fácil visto seu tamanho geográfico e as inúmeras miscigenações, no entanto, acredita-se não beirar o impossível tal desejo. Um país como o Brasil tem inúmeros costumes adquiridos através do passar do tempo pelos colonizados e em seguida pelos imigrantes, ressaltando o “sangue de origem” indígena e dos africanos.

No Brasil de inúmeras influencias que foram adquiridas com o passar do tempo, são marcantes as características da cultura africana, não somente pelo vergonhoso trafico de escravos, que oprimia o ser humano, importando-se somente com os lucros das mercadorias humanas, e deixando de lado o respeito com as diferenças raciais, mas também pelos fatores que aproxima os continentes.

3. INTERAÇÕES CONTINENTAIS

As proximidades que existem entre Brasil e África vão muito além de termos tido os mesmos exploradores (em alguns dos 55 países africanos), como exemplo Moçambique entre outros que o português é falado como uma das línguas, visto que na África é muito mais encontrado do que no Brasil pessoas que mesmo com o passar do tempo ainda falam o dialeto de seus ancestrais.

Dentre os vários comentários que podem ser feitos sobre a união das culturas indígenas brasileiras e a alegria africana pode-se destacar uma fusão que veio a enriquecer a sociedade, com novas formas de pensar e saberes diferentes, onde hoje é visível a necessidade de uma valorização da origem de nossos traços.

E para que seja trabalhado com mais afinco sobre a origem de nosso povo, de modo geral é necessário andarmos pelos dois continentes, (metaforicamente), através de estudos da cultura africana original que ainda existe na África e como esses costumes chegaram ao Brasil e se faz presente até os dias atuais como as religiões de cunho africano que mostram a grande diversidade de crenças.

Com isso fica claro que para haver uma valorização e respeito do negro no país é fundamental entender-se que a África como outro continente qualquer tem suas histórias, riquezas culturais que devem ser divulgados por todos para que o julgo do ser inferior venha a ser extinto de nossa sociedade e possa-se partir para uma cultura de igualdade e respeito.

4. GRUPO DE EXTENSÃO

É no recorte de valorização, respeito e igualdade que entra o grupo, ludicidade africana e afro brasileira (LAAB), que vem aos longos dos anos lutando contra a opressão social que vive o negro no Pará e de forma nacional (e atrevesse dizer aqui), mundial, sobre a tutela de Debora Alfaia da Cunha os bolsistas e voluntários tentam passar as riquezas e valores que a mídia tenta ocultar quando se fala de África.

O trabalho árduo e constante já gera frutos há anos, tanto na disseminação de saberes do continente africano como também uma maior conscientização da rica cultura afro que é de fundamental importância que todos possam ter noções plenas que como é realmente a África que pouco se fala e os traços que vieram com os escravos, que tornaram possível um laço fraterno entre o continente africano e o Brasil, através da sua presença, marcante e de fundamental importância para o desenvolvimento do país.

No século XXI é muito mais visível a grande importância que o negro teve em nosso país visto que a mão-de-obra no Brasil era no começo da exploração era escassa e os povos indígenas que permitiam-se manter sobre o julgo opressor do conquistador não tinham experiência com o trabalho de longa duração, acarretando assim fugas de indígenas constantes ou mortes por doenças adquiridas com o passar do tempo e a atividade exercida.

Partindo do pressuposto que é fundamental um conhecimento amplo do passado para haver uma interpretação clara do presente. Entrando assim em um dos focos do escrito, que é a literatura como meio de divulgação e transformação do meio e das pessoas que formam a sociedade.

O projeto de extensão LAAB, tem em suas atividades o foco em valorizar as raízes africanas que existem em nossa sociedade, com isso percebe-se a necessidade de expor características dos costumes africanos na sociedade brasileira através de palavras que são de origem africana ou costumes que foram mesclados aos nossos com o passar do tempo.

5. LITERATURA COMO FATOR DE INCLUSÃO

Para tornar mais eficiente e ampla a divulgação da grande diversidade que existe na cultura africana o projeto de ludicidade africana, traz programações que fazem alusões e discursões sobre tudo que possa vir a ser relevante ao conhecimento da sociedade de forma geral, como é o caso da literatura africana que é rica em traços característicos de cada região, que o escritor vem através das palavras descrever.

A literatura usada em momentos de socialização com o público em geral são escolhidas sempre com o enfoque de aproximar a realidade entre um país e outro, como é o caso de Moçambique que traz como fator determinante para ser contemplado para discursão, é a questão de ter sido explorado pelos portugueses, assim sendo, utilizam a mesma língua que o Brasil, tornando com esse fato uma compreensão muito mais ampla dos escritores.

O fator da aproximação do Brasil com a África além de alguns países falarem o português é o fato de que o Brasil tem uma população extremamente africanizada, criando assim laços de difícil quebra, hora visto que não são poucos os escritores que acabam por ler alguns escritores brasileiros ou portugueses que acabam por conhecerem a realidade de ambos os países, tornando assim um triangulo de informações entre: África, Brasil e Portugal, resultando em uma grande quantidade de informações sobre fatos das três nações que são retratados em meio verso, crônicas, romances e outros mais escritos.

A escrita como meio de critica é algo que nos dias atuais é um tanto quanto aceitável (desde que não venha a questionar os grandes capitais), no entanto, em tempos de luta contra a opressão não era simples criticar os governos ou a sociedade de forma ampla e, é nesse contexto que entra a voz de José

Craveirinha, que traz em seus escritos duras críticas ao governo opressor de Moçambique. Outros escritores usaram o campo da conotação literária para expressarem de forma mais recatada e sem chamar a atenção dos opressores, fatos que são claros em letras e livros de tempos de ditadura militar, que teve início em 1964 no Brasil, com isso verificasse que a literatura pode ser claramente usada como fator de estudo histórico de determinada época ou sociedade.

É o fato de descrição que leva ao estudo de interpretações das obras dos escritores africanos, descrições essas que podem ser usadas como características de individualidade cultural ou divulgação dos costumes de determinado povo e são esses fatos que tornam a poesia de José Craveirinha um grande campo de novas interpretações.

Já com o passar das palavras acreditasse que o leitor consiga perceber a grande utilidade das obras literárias com o passado das sociedades e com a literatura africana não é diferente, os escritores em suas obras trazem questões que afetam sua sociedade ou momentos que os mesmos vivem, viveram ou imaginam poder ver, partindo desse fato que as rodas de literatura utilizam-se para difundir os momentos da cultura Afros no Continente Africano.

Perceba que é de fundamental importância que seja colocado à diferença entre literatura no continente Africano e literatura Afro, onde compreende-se que a literatura do continente Africano restringe-se a África, já a literatura Afro esta disseminada pelo globo devido o fato da diáspora Africana, criou-se inúmeros pontos de foco da valorização das matrizes africanas visto que, o mercado de escravos possibilitou a grande disseminação das matrizes afro, que no século XXI tornam-se pontes de conexão entre o passado e o presente ou entre a África e qual seja o continente que reside o descendente afro.

6. CONTEMPORANEIDADE EM CONTRASTE

Em meio a tantas mazelas ocasionadas pelos fatores históricos que estão ligados a questão de como vive o negro no Brasil, e os demais países do globo é evidente e compreensível que haja políticas de complementação para que os afros descendentes

possam estar sendo, aos poucos, tendo direitos e concessões, devido o passado sombrio de seus ancestrais, como é o caso da lei que tornou o racismo crime no Brasil, que já e tido como um avanço, visto que questões preconceituosas no país sempre foram disseminadas na esquina.

As políticas de amparo para os estudantes negros ainda causa grande polemica no Brasil, uma vez que, alguns tentam introduzir em pensamento de inferioridade que ocasiona a lei de cotas raciais, sem deixar claro que a mesma cota, tem seus pontos a serem vistos como forma de estabilizar a mesma quantidade de estudantes nas faculdades, pois as disparidades entre a quantidade de alunos negros em relação aos brancos são alarmantes, com isso percebe-se como tornou-se importante essa cota para aumento dos estudantes negros nas universidades.

Claro que não pensa-se somente nos afrodescendentes adentrando em curso superior, no entanto, leis que permitem mais voz aos negros colaboram com movimentos a favor das raízes de cunho africano, que estão espalhadas pelo mundo, mas que através de amparo legal podem se manifestar e reivindicar seus direitos, devido as aberturas que são criadas pelo intercambio de grupos que acaba por resultar encontros entre estados, países, continentes, onde são discutido formas de novas de como combater os focos de preconceito racial que surgem em diversas áreas e de diversas formas.

7. QUESTÃO MACHISMO E PRECONCEITO RACIAL

Também tenta-se destacar nesse trabalho a questão do combate contra o machismo partindo do fator de opressão que vive a mulher negra no Brasil, visto que somos descendentes de uma sociedade patriarcal e que vestígios ainda são encontrados em simples fatos cotidianos. Não que hoje a sociedade atual não seja machista, entretanto, que existe lutas constantes contra costumes que inferiorizam a mulher, como é mostrado no trecho que segue:

As mudanças visíveis de condições ocultam a permanência nas posições relativas: a igualização das oportunidades de

acesso e índices de representação não deve mascarar as desigualdades que persistem na distribuição entre os diferentes níveis escolares e, simultaneamente, entre as carreiras possíveis. Em número maior que os rapazes, querem para obtenção do bacharelado, quer nos estudos universitários, as moças estão bem menos representadas nos departamentos mais cotados, mantendo-se sua representação inferior nos departamentos de ciência, ao passo que cresce nos departamentos de letras. Nos liceus profissionais elas permanecem, igualmente, direcionadas, sobretudo para as especializações tradicionalmente consideradas “femininas” e pouco qualificadas (como as de empregadas da coletividade ou do comércio, secretariado e profissões da área de saúde), ficando certas especialidades (mecânica, eletricidade, eletrônica) praticamente reservadas aos rapazes. A mesma persistência de desigualdade se verifica nas classes preparatórias para as grandes escolas científicas e para essas mesmas escolas. Nas faculdades de medicina, a porção de mulheres decresce à medida que se sobe na hierarquia das especialidades, algumas das quais, como a cirurgia, lhes estão praticamente interditas, ao passo que outras, como a pediatria, ou a ginecologia, lhes estão quase que reservadas. (BOUDIEU, 2014, p127)

A mulher na sociedade ainda é vista como ser de profunda delicadeza, e que, portanto, deve ser exilada em tarefas tidas como de cunho feminino, são esses pensamentos que permitem que o machismo perpetue através do tempo, machismo simbólico é visto em pequenas situações que se não forem analisadas com clareza, passaram despercebidas, como por exemplo, o simples fato de chamar um taxi, pode-se inferir que tal atitude toma da mulher um poder de ação diante do fato, criando assim uma dependência do outro.

A mulher é vista com desconfiança desde a época medieval, várias associações com forças “diabólicas”, como foi o caso de Joana Dark, agora reflita sobre como uma mulher negra no Brasil, ou em qualquer outro lugar deve ser vista? As questões preconceituosas dobram, multiplicam-se, pois suas origens fundem-se com seu sexo e cria um olhar ainda mais receoso da sociedade.

8. PROJETOS DE AÇÃO

A cultura do preconceito é uma verdade na sociedade, entretanto por meio de projetos como o LAAB, leis que amparam as questões preconceituosas, estão a cada dia em consonância para uma vida mais igualitária para todos, onde sexo não faça diferença alguma, as lutas devem ser constantes contra, preconceitos sejam eles quais forem, e a cultura e a arte estão em união essas mazelas, usando traços característicos das culturas africanas e dessa forma fazer uma crítica simbólica ao sistema opressor.

O fato de “vestir” as origens retrata muito com a força das crenças de fazer o diferente, de ousar, e isso pode ser feito no modo de vestir-se, o uso de utensílios e joias, como por exemplo, os cabelos afros, as roupas coloridas os turbantes, e essa cultura original de valorização das raízes vêm sendo bombardeada pelas forças opressoras do capitalismo selvagem, que tenta implantar a valorização das características europeias onde a mulher deve ter algumas características para ser tida como bela, e um desses fatos é o cabelo liso, para ambos os sexos.

A cultura de origem africana é divulgada por ações como rodas de literatura, mesas redondas, pôster e ações em comunidades, onde se tenta mostrar a grande riqueza cultural que é ser afrodescendente, onde busca-se valorizar as características físicas, mostrando como é belo os cabelos naturais, as roupas tornam os homens e mulheres mais em evidencia, quando usam as cores a seu favor.

A história da cultura africana está intimamente ligada às religiões de origem tribal da capa país que vinham os escravos, e cultuavam no Brasil suas divindades, que no princípio foi visto com preconceito, toda via, com o passar do tempo foi tomando adeptos, customizando-se a novas realidades e nos dias atuais, terreiros já são vistos com mais simplicidade.

O povo brasileiro herdou, das práticas religiosas dos escravos oriundos da África, algumas religiões as quais vieram mais tarde a ser reforçadas com doutrinas espiritualistas, esotéricas e tantas outras, que tiveram mestres como Franz Anton Mesmer, Allan Kardec e outros médiuns famosos. (MACEDO, 2008, p.19)

Questões como a religião africana é questionada pelos religiosos interpretam as danças e oferendas como um sacrilégio à religião que os mesmos têm como verdadeira, chegando assim ao ponto do preconceito contra a crença do outro, que não permite entender que diversidade existe em todos os setores sociais, e não seria o religioso que seria diferente, como o autor Edir Macedo, relata no texto abaixo:

No Brasil, em seitas como Vodou, Macumba, Quimbanda, Candomblé ou Umbanda, os demônios são adorados, agradados ou servidos como verdadeiros deuses. No espiritismo mais sofisticado, eles se manifestam mentindo, afirmando serem espíritos de pessoas que já morreram [...] (MACEDO, 2008, p. 20)

E também conceitos de mesmo cunho em outra citação das matrizes africanas, como:

No Candomblé, Oxum, Iemanjá, Ogum e outras entidades são verdadeiros deuses a quem o adepto oferece “trabalhos” para agradar, quando alguma coisa não está indo bem ou quando deseja receber algo especial. (MACEDO, 2008, p.21)

Questões de preconceito histórico são tratados com lutas e políticas contra tal fato, a cultura deve ser vista como algo que faz parte de todos, visto que a cultura africana é a tanto tempo mesclada a brasileira que hoje já tornou-se difícil de distinguir uma da outra, e é nesse recorte que entra os projetos que fazem com que a disseminação seja muito mais ampla e sempre com o intuito de aproximar visões diferentes para uma interação constante (e que todos os orixás protejam a todos que lutam para isso).

Moçambique, lar de um dos mais renomados escritores africanos, José Craveirinha, tido por alguns, o maior de Moçambique. A literatura de Craveirinha traz as questões das mazelas sócias em seu país, assim como existe mazelas em qualquer outro país, entretanto, não são todos os escritores que narram ou escrevem de forma tão nacionalista como ele.

Craveirinha aborda os conflitos entre os oprimidos e os opressores em seus poemas com maestria tamanha que fica

evidente suas críticas ao sistema governamental da época, dentre os fatos que chamam a atenção em sua carreira de escritor nacional são as representações em suas obras que mostram a cultura agrária e as origens de Moçambique.

Ressaltando-se que Craveirinha chegou a ser preso pela polícia internacional de defesa do estado (PIDE), que era um órgão de repressão aos que almejavam a liberdade de Moçambique, que no período, ainda era colônia de Portugal. O escritor sofreu algumas consequências de sua luta por liberdade de seu país, entretanto foi sua vida de lutas contra a opressão que o fez ser lembrado até os dias atuais.

Seus poemas retratam a vida de abandono das cidades mais afastadas da capital, as zonas rurais, os costumes africanos são visíveis em seus textos, a questão de usos de dialetos tribais também são características que evidenciam em seus trabalhos feito para a valorização de seu país e paralelamente seu continente, a beleza da negritude em seus poemas são belas representações da beleza africana como um todo. Como o autor transmite no poema: *Xigubo*

Minha mãe África
meu irmão Zambeze
Culucumba! Culucumba!

Xigubo estremece terra do mato
e negros fundem-se ao sopro da xipalapala
e negrinhos de peitos nus na sua cadência
levantam os braços para o lume da irmã
lua e dançam as danças do tempo da
guerra das velhas tribos da margem do rio.

Ao tantã do tambor
o leopardo traiçoeiro fugiu. E
na noite de assombrações
brilham alucinados de vermelho
os olhos dos homens e brilha ainda
mais o fio azul do aço das catanas.

Dum-dum! Tantã!
E negro Maiela
músculos tensos na azagaia rubra
salta o fogo da fogueira amarela
e dança as danças do tempo da guerra
das velhas tribos da margem do rio.

(CRAVEIRINHA, 1964, p.38)

Seus poemas sempre carregados de valores culturais trazem as belezas naturais de Moçambique, quando o escritor fala da baía que banha seu país, ou das danças tribais, fica evidente a questão da valorização de sua terra e seus costumes que por meio da literatura são disseminados por todo o globo, criando assim uma curiosidade dos que leem seus textos.

9. PIONEIROS

O grupo de pesquisa e extensão, ludicidade africana e afro brasileira (LAAB), vem com o intuito de socializar os conhecimentos africanos, de forma didática e que possa criar formação de novos disseminadores das mesmas, através de brincadeiras lúdicas que chamam a história dos países africanos a tona, usando assim a origem da brincadeira em destaque para criar uma explanação previa sobre a origem da brincadeira.

[...] sobre a ludicidade evidenciam que o lúdico é um dos temas mais consensuais e conflituosos no campo de pesquisa em educação. Consensual porque todos reconhecem facilmente a importância do lúdico no processo de ensino e aprendizagem, seja na educação infantil ou na superior. (CUNHA, 2016, p. 10).

Compreendendo assim a significativa colaboração que as brincadeiras tem com relação ao ser em comunidade, o LAAB, busca a expansão de conceitos sobre as brincadeiras de forma que torne possível a associação com as raízes de cunho africano, e acima de tudo suas intenções socializantes.

[...] quando se encontra plenamente envolvido na vivência lúdica, seja ela um jogo, uma dança ou qualquer coisa que mobilize suas forças criativas. Experiência que per-

mite uma flexibilidade e uma alegria produtiva, não em sentido econômico, mas individual e social, porque possibilita o estabelecimento de novos patamares de convivência, baseados na alegria de estar vivo e de partilhar um mundo com os outros. (CUNHA, 2016, p. 12)

As questões levantadas durante todo o trabalho vêm afunilando para que o leitor consiga agora, associar todos os pontos, as atividades e os intuitos reais do grupo de extensão (LAAB), que pretende muito mais que somente difundir o lúdico como questão pedagógica, mais também criar reflexões em torno das mazelas sociais que aflita o cotidiano de muitos. Perceba no trecho a seguir o caráter reflexivo:

O lúdico por nos colocar em uma situação de inteireza e compaixão, com o outro e com os nossos próprios erros, pode nos auxiliar em um processo fundamental para a construção de uma sociedade brasileira realmente democrática: a catarse da intolerância histórico enraizada na alma brasileira. Intolerância que alimentou e ainda alimenta o racismo, o machismo, a homofobia e tantos outros estereótipos que negam ao “outro” o direito de viver a sua diferença. Intolerância que nega a cada um de nós, até os mais reacionários, o direito de ser feliz, pois coloca, acima de tudo e de todos, a exigência de se seguir um papel estático e pré-definido do ser humano. (CUNHA, 2016, p.13).

Um dos traços mais marcantes que se fazem presentes em todas as atividades do grupo, não é somente a questão histórica, mas a grande admiração pela cultura africana conseguir manter-se sobre o solo sinuoso da esperança mesmo no período da escravidão, como transmite o trecho:

[...] em verdade, nem é possível falar de uma ludicidade exclusivamente africana ou afro-brasileira, em virtude dos processos de trocas e misturas culturais, muitas vezes violentos, impostos pela colonização da África e pela lógica da diáspora. (CUNHA, 2016, p. 14).

Os jogos de cunho africano vêm ainda com o desejo de mostrar a superação através dos momentos felizes, que eram criados mesmo sobre os olhos atentos dos opressores,

mas mesmo assim os escravos, que eram tidos como simples mercadorias humanas, não se permitiam desistir de ver o belo em meio a tanta opressão, como é citado a seguir: [...] resistência, criação dos negros no Brasil e no mundo. Capacidade de, no contexto perverso da escravidão, colonização, miséria e violência, continuar a insistir na beleza, no sorriso e na esperança. (CUNHA, 2016, p. 15)

O projeto vem desde 2011 quebrando barreiras para que haja uma real divulgação da africanidade da qual, grande é a pluralidade da cultura africana, e através de suas inúmeras ações vem ganhando espaço entre os entusiastas que sonham em um meio social de inclusão realmente verdadeiro e que o ser humano seja visto como um ser plural e que a sociedade opressora perceba que sempre haverá lutas em prol das diferenças, como é retratado nos trechos que seguem.

São os sorrisos coloridos dessas Áfricas, suas múltiplas identidades, que buscamos trazer por meio dos diferentes jogos e brincadeiras aqui apresentados. Ao trazer as cores da África, não enganamos as dores e as dificuldades sociais e econômicas deste continente, mas, sem esquecer tais condicionantes a que possamos admirar e, efetivamente, valorizar nossa ancestralidade afro-brasileira. (CUNHA, 2016, p. 20)

E é com o pensamento acima que escolhemos terminar o trabalho.

REFERÊNCIAS

BALTAZAR, Rui. **Sobre a poesia de José Craveirinha**. Conferência proferida na Associação dos Naturais de Moçambique. Universidade Eduardo Mondlane, 1961.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina** - a condição feminina e a violência simbólica. 2. ed. 2014.

CUNHA, Débora Alfaia da. **Brincadeiras Africanas Para a Educação Cultural**. 2016.

Educação.uol.com.br/disciplina/historia/trafico-de-escravos-mercadoria-humana-atraversa-o-atlantico.htm.

<http://kayarevistaliteraria.blogspot.com.br/2015/06/poema-do-futuro-cidadao-jose-craveirinha.html>

<http://pensador.uol.com.br/busca.php?q=craveirinha>

<http://www.dicionarioinformal.com.br/xigubo/>

<http://www.escritas.org/pt/l/jose-craveirinha>

http://www.pluralpluriel.org/index.php?option=com_content&view=article&id=242:as-vozes-poeticas-de-jose-craveirinha&catid=75:nd-6-litteratures-africaines-de-langue-portugaise&Itemid=55

<http://www.ponto.altervista.org/Livros/Doc/craveirinha.html>

<http://zocalopoets.com/2013/06/17/xigubo1964-selecao-de-poemas-do-poeta-mocambicano-jose-craveirinha-1922-2003/>

MACEDO, Edir. **Orixás Caboclos e guias**. 17. ed. 2008.

RONGA in Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2016. [consult. 2016-05-02 16h30min: 03]. Disponível na Internet: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/ronga>

www.ieml.org.br/projeto_cultura-africana-valorização_raça_negra.html.

www.portaldogoverno.gov.mz/por/mocambique/historia-de-mocambique